

# Memória e migração: Mato Grosso e o romance de formação

Memory and migration: Mato Grosso and the formation novel

Olga Maria Castrillon-Mendes

UNEMAT/ Cáceres, Brasil  
olgmar007@hotmail.com

Palavras-chave: Migração, memória, romance em Mato Grosso, século XX.  
Keywords: Migration, memory, novel in Mato Grosso, 20<sup>th</sup> century.

## Preâmbulos

Há algum tempo nos empenhamos na discussão e divulgação da cultura brasileira produzida em Mato Grosso, defendendo a tese de que o caráter dessa produção passa pelos sentidos (e norteamento) de um projeto delineado por intelectuais, natos ou de outros espaços que, por força dos movimentos sociais advindos da ideia de progresso, colocaram-se a serviço de uma causa, cujos objetivos se pautavam no delineamento de uma política de preservação do patrimônio histórico e cultural do Estado. Essa cultura “interior” ainda pouco disseminada, mas em vias de romper as barreiras do ostracismo, é dotada de singularidades que estão sendo exploradas e socializadas, principalmente, a partir dos Centros de Pesquisas das duas Universidades Públicas, através dos Programas de Pós-Graduação em Estudos Literários, muitos deles, mantendo contatos com Universidades de outros estados e outros países, como o que se firmou entre a UNEMAT e a Universidade de Aveiro/PT.

Esse contexto tem ressaltado a excludência dos estudos regionais nos manuais de história literária e nos livros didáticos. Ao contrário, acentuam o caráter da hegemonia cultural, mesmo que produções de outros eixos estejam, historicamente, carregadas de manifestações que comprovam a riqueza dos nichos existentes. A corrente ideia de isolamento cai por terra quando as pesquisas têm-na como infrutífera. Provocativamente poderíamos nos perguntar se, em Mato Grosso, tudo que se tem produzido em literatura não entra na composição do panorama cultural brasileiro. Observamos aqui uma dialética histórica no campo

literário, principalmente, a partir do surgimento de escritores que ensaiam práticas transformadoras no panorama da teoria, da crítica e da história literária.

Sem negligenciar nenhum desses aspectos, é preciso reconhecer que já na primeira metade do século XX, Mato Grosso mantinha intenso comércio com o exterior pela navegação dos rios formadores da bacia do Prata. Paradoxalmente, então, ligava-se ao mundo por diferentes (e criativas) vias de acesso. A efervescência cultural do período colonial, tanto na antiga capital, Vila Bela, quanto em Cuiabá e outros municípios vizinhos, é sintoma de uma agitação pela qual, numa visão de conjunto, iluminou o cenário cultural a partir de dentro, sem que os não-nativos perdessem o elo com suas próprias culturas.

Portanto, quando se pensa no acelerado ritmo de produção intelectual que o Brasil experimentou no período entre a segunda metade do século XIX e os anos trinta do século seguinte, não há como recrutar a compreensão para um campo hegemônico das ideias. Uma tarefa igualmente impossível seria minimizar a ideia de “local” ou a desconstrução do discurso do progresso. Excetuando as duas obras mais conhecidas do Visconde de Taunay, *A retirada da Laguna* (1868) e *Inocência*, (1872), para falar apenas de um escritor canônico com forte acento interiorano, não se tem notícia de uma literatura que conseguiu quebrar os muros dessa marginalidade. Apenas com Manoel de Barros, Ricardo Guilherme Dicke, Silva Freire e Wladimir Dias-Pino, os últimos anos têm dado visibilidade a textos que representam o profundo desejo de captar a alma do povo brasileiro em suas diversidades, a partir das raízes orais e escritas. Revitalizam, dessa forma, vestígios de culturas outras. Uma escrita mestiça inspirada em valores populares é reinventada. Vai-se constituindo no entrecruzamento do erudito, do arcaico e da retórica barroca, como é o caso de Dicke. Assiste-se, então, a uma tradução e recomposição da oralidade em que conteúdos históricos, mesclados a temáticas filosóficas imbricam no legendário e no mitológico, transcendendo o local.

## Cultura mesclada

Não resta dúvida de que o processo migratório, fruto dos programas governamentais para povoar os “espaços vazios”, diversificou a economia. Surgem novos mercados e intensifica-se o agro-negócio. Mato Grosso passou a ser visto como local de investimento, um tipo de novo Eldorado. A capital, Cuiabá, experimenta um surto de desenvolvimento que por algum tempo foi considerado perigoso, por isso a necessidade de “preservar” as raízes num sentimento de pertencimento que, positivamente, contribuiu para garantir a manutenção dos ricos acervos existentes. Graças a esses movimentos é possível, hoje, os variados gestos de leitura do arquivo que tem servido de base para sua revisão, digitalização e acesso.

Lenine Póvoas ao tratar da história da cultura mato-grossense diz que Cuiabá sempre gozou de fama de ser uma cidade culta (Póvoas, 1982, p. 15). Refere-se ao quadro colonial pródigo em festividades regadas a saraus literários e apresentações de famosas companhias europeias, cujos registros encontram-se muito bem rastreados e interpretados nas pesquisas de Carlos Moura (1976), Agnaldo Rodrigues (2010), dentre outros, que privilegiam o olhar sobre o teatro e outras manifestações culturais.

Durante o período republicano, a proliferação das agremiações estudantis e das academias, aos moldes das congêneres na Bahia e no Rio de Janeiro, deu origem ao sentimento de nacionalismo que permaneceu até o advento das produções do grupo modernista com manifestos e publicações, tais como *Pindorama*, *Movimento Graça Aranha* e a Revista *A Violeta* formada, exclusivamente por mulheres<sup>1</sup>, cujo centenário de criação comemora-se neste ano.

A partir da segunda Guerra e até a criação das Universidades Públicas, na década de 1970, registra-se intenso trabalho intelectual, basicamente liderado por D. Aquino Corrêa e José de Mesquita, numa primeira fase. Ambos imprimiram concepções para delimitar as proximidades entre a escatologia, a “temporalidade autêntica” heideggeriana e a abertura do passado. Inspiraram-se em questões comuns que colocaram Mato Grosso no cenário nacional, dando ao emérito bispo a oportunidade de ascender à uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Indicado para conciliar o clima político do período, D. Aquino conduziu um programa de preservação do patrimônio cultural e de sistematização do pensamento poético mato-grossense de capital importância para a constituição dos acervos. O sentimento telúrico marcou grande parte de uma produção em que o “resgate” da tradição garantiu a manutenção da cultura “nativa”. O resultado foi o fortalecimento das Instituições culturais do Estado. Os jornais passaram a receber tratamento especial e muito do que se tem hoje publicado está ligado ao trabalho dessa dupla e dos intelectuais por ela liderados.

Na década de 1970, a criação das Universidades públicas cartografou um novo mapa social composto, agora, por elementos “estranhos” ao meio e, por tabela, o mercado editorial se vê obrigado a acompanhar o ritmo de crescimento das publicações. Hoje podemos dizer que há uma efervescência de escritores. Para se falar apenas do gênero romance, restrito, inicialmente, às primeiras décadas do século, adquire com Ricardo Dicke o estatuto de modernidade com novas formas do fazer linguístico, e vem adquirindo adeptos entre jovens escritores. Os grupos ligados às instituições culturais e à imprensa passam a contribuir com a construção de um sentido para a cultura mato-grossense.

Dessa iminente onda de progresso, aliado aos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão e o rádio, bem como a ligação do Estado com os considerados grandes centros produtores, através das estradas de rodagem com as quais se liga aos vizinhos Estados de Rondônia e Pará, vai se delineando um sistema literário que, hoje, passa por revisões epistemológicas. Importante ressaltar o surgimento de escritores provenientes de movimentos migratórios ou de famílias que imigraram com objetivos de assumir negócios no Brasil, ou que se movimentaram de outros estados da federação em busca de oportunidades de trabalho. Mesmo não sendo predominante o estudo sobre os escritores, não se nega a possibilidade de perceber o reflexo do sentimento “estrangeiro” na obra literária. Essa duplicidade cultural produz visões de mundo diversas e formas de representação também diversas, o que não deixa de ser um ganho à cultura local. Como afirma José Paulo Paes, o romance é o lugar por excelência da representação literária da outridade, o lugar da revelação do outro, chegando

---

<sup>1</sup> Cf., dentre outros, estudos de Yasmin Nadaf (2002), Maria Inês Parolin Almeida (2003) e Marinei Almeida (2012).

ao leitor de maneira mais elaborada que a simples apresentação tal qual ele é, na vida real (Paes, 1999, pp. 68-73).

Nesse macrossistema social Mato Grosso vive um inusitado panorama social. A grande massa migratória redesenha um explosivo cenário cultural que causa tensões entre o que é considerado “local” (regional) e o cosmopolita, dicotomia pensada por Antonio Candido e redefinida por Silviano Santiago. Daí o surgimento, por exemplo, do acirrado fenômeno denominado de *cuiabania*<sup>2</sup>, nas primeiras manifestações, e que se alastrou durante grande parte do século XX, hoje mais rareado, mas não totalmente desfeito, gerando, não poucas vezes, mal estar entre (i)migrantes e a população local. Nesse sentido, vários são os registros das tensões entre os “estrangeiros” e a população local, a maioria deles nas décadas de 1930-40. A denominação de “paus rodados” é farta nas crônicas, nos relatos de viajantes, na poética, e permanece utilizada na oralidade, mesmo que de maneira jocosa.

Na pena do poeta Silva Freire, o sentido do regional ganha novas dimensões. Os seus experimentos “estão na linha do concretismo com uma pegada regional muito própria”, como diz Cristina Campos<sup>3</sup>. Nele a palavra se desconstrói. A parceria lítero-imagética com Wladimir Dias-Pino, redimensiona a vanguarda em Mato Grosso. Wladimir faz escola com o movimento denominado *Intensivismo*, criando uma linguagem que é considerada mais contemporânea que moderna, como reforça a escritora.

Nessa visão do conjunto de uma produção não hegemônica, é possível ver e pensar o Brasil através de outros eixos: o do interior, ou seja, visões de mundo em que surgem outras culturas, singulares em suas manifestações de raízes indígena e afro-brasileiras, mescladas às influências oriundas de processos migratórios, expandindo o sentido de cultura, traduzindo-a pela linguagem e pela criação de personagens e enredos representativos desse universo plural.

Essa tensão é, senão superada, pelo menos minimizada pelos estudos, mas principalmente, pela proliferação de poetas e romancistas que tentam a estética inaugurada por Guimarães Rosa, Arguedas e Garcia Márquez com base em critérios inventivos do que se considera (e se valida) como “universal” e que marcam profundamente os países de formação colonial como os da América Latina. Para Silviano Santiago (2000) não é apenas a dicotomia universal/local, nem local/cosmopolita de Candido, mas um processo de bases antropofágicas, pelo qual é possível pensar os caminhos da produção literária em Mato Grosso. Não é meramente submeter os textos aos padrões universais, mas devorá-lo e digeri-lo, numa atitude de liberdade perante as fontes.

<sup>2</sup> A obra de Silva Freire compõe o fenômeno literário e linguístico da maior autenticidade no reconhecimento das raízes mato-grossenses e que ficou conhecido como “cuiabania” – um *sentimento*, mais que um movimento cultural do processo de formação da identidade mato-grossense, defendido pelo grupo *revolucionário* do escritor (cf. *Águas de Visitação* (1980). Cuiabá: Edições do Meio; *Catálogo de Exposição* (1986). Imprensa Universitária. Cuiabá; e *Trilogia Cuiabana* (1991). Cuiabá: Ed. UFMT. Assim se expressa o poeta sobre esse conceito: “[...] mas o que é *cuiabania*, afinal, poeta? / não é topônimo, é a *sensação indizível*, esse *charivari de maçaroca-poética*, daqui e daqui-prá-frente, de quase três séculos de uma cidade mágica...” (In Freire, S. (1991). *na moldura da lembrança* (p. 407). Org. Wladimir Dias Pino. Cuiabá: UFMT.

<sup>3</sup> Cf. entrevista de 02/11/2016 na página do facebook do escritor Eduardo Mahon.

Desta forma, as fases pelas quais se tem compreendido o conjunto dessa produção intelectual são marcadas por momentos significativos. O primeiro, o da formação, parece ser fundamental para se compreender a manutenção do ranço colonial dos primeiros textos de criação – louvação dos ilustres, isolamento e exotismo da terra. Ressaltam-se neste rol, os relatos dos cronistas e das expedições científicas<sup>4</sup> que compreendo juntamente com aqueles que os tratam como *textos de fundação* da imagem de um Brasil interior que se queria conhecido e explorado e que Antonio Candido examinou como “ralas e escassas manifestações sem ressonância, mas que estabelecem um começo e marcam posições” de uma cultura em formação que auxiliam na compreensão do seu aspecto literário (Candido, 1997, p. 15).

Num segundo momento, de esboço de um “sistema literário” envolve uma “consciência de grupo” (Candido, 1997, p. 15) liderado, principalmente, por integrantes do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras. Nesse aspecto é importante verificar a função dos periódicos em número considerável, responsáveis pela circulação dos folhetins que adquiriram características diferenciadas, “atestando total independência do perfil consagrado do gênero nos grandes centros de cultura da época: Paris e Rio de Janeiro” (Nadaf, 2002, p. 207). É o período de surgimento dos primeiros romances, foco do nosso interesse nestas discussões: *Luz e sombras*, de Feliciano Galdino de Barros (1917), *Mirko*, de Francisco Bianco Filho (1927), *Piedade*, de José de Mesquita (1928) e *Era um poaieiro*, de Alfredo Marien (1944). Uma literatura que apresenta aspectos de “retardamento que são normais”, significando simplesmente uma “demora cultural”. Nesse caso, a diversidade local produz uma espécie de “legitimação da influencia retardada, que adquire sentido criador” (Candido, 2006, pp. 180-1). Personagens e espaços emblemáticos configuram a necessidade de discutir questões sociais e de gênero humano, sem a preocupação com a inovação ditada pelas vanguardas do período, mas recriando formas de dizer. Neste caso, veremos como se dá a obra resultante de autores oriundos de outros espaços que não o seu próprio e como os considerados autóctones, tentam inaugurar novos procedimentos temáticos pelo viés, tanto da religiosidade e do telurismo, quanto da construção da personagem feminina, como é o caso de José de Mesquita. Tal representação será empreendida, observando-se, sobretudo, uma estrutura narrativa em que as personagens são seres inquietos, muitas vezes duplos, aludindo-se à própria fragmentação do humano no universo das transformações sociais.

A terceira fase, vista como um momento de construção da crítica acadêmica é a de fomento dos estudos através dos Programas de Pós-graduação das universidades públicas e dos pesquisadores que dão visibilidade à produção interna. O exemplo mais significativo encontra-se no conjunto da obra poética de Manoel de Barros, a prosa-porosa de Ricardo Guilherme Dicke, a poética do cotidiano, de Lucinda Persona, Marta Cocco, Marilza Ribeiro, ou a memória revisitada de Tereza Albûes e a alegoria contemporânea de Eduardo Mahon, dentre outros. A revisitação de obras raras, como os romances das primeiras décadas do século

---

<sup>4</sup> Cf. Póvoas, 1982.

XX, significou um esforço conjunto UNEMAT e Academia Mato-grossense de Letras na busca pela revisão da historiografia e da crítica literária brasileira.

Frente a esse panorama histórico-cultural, transitam narrativas que passam por definição de valor estético. Se os indicadores são múltiplos, poucas são as mudanças dos escritores, pois “a maioria dos que abandonam suas regiões na juventude e se integram em centros urbanos ou das capitais não perdem a marca profunda com que foram moldados por sua cultura regional, embora a combinem com outras influências e práticas”, como pensa Ángel Rama (2001, p. 316). Mesmo que não se relevem, aqui, as infrutíferas questões das influências de uma obra sobre a outra, nem as que se estabelecem entre os escritores, pretende-se enveredar pelas relações que elas mantêm com a sociedade sem permanência dos estereótipos criados sobre a região.

As particularidades que definem hoje as abordagens sobre o regionalismo na América Latina, baseiam-se na compreensão de que os valores tradicionais são abalados. Portanto, não cabe mais a visão monolítica do legado cultural historicamente acumulado, mas o tratamento específico daqueles valores “macerados internamente”, dando origem a uma reinvenção, ou como diz o próprio Rama, “uma neoculturação baseada na cultura interior sedimentada quando ela é arrasada pela história renovadora”, buscando uma situação de equilíbrio (Ramos, 2001, pp. 317-8). Então, o que se busca são as tensões do húmus cultural de modo a recolocá-las no trânsito entre os atores sociais e nas complexas relações de produção.

Assim, a visada renovadora do processo histórico gera as singularidades, cada uma respondendo ao seu modo. Pode-se traçar relações entre Portugal e cidades brasileiras como Cuiabá, Cáceres e Barra do Bugres, tal como as que se extraem da literatura de Galdino de Barros e Alfredo Marien, ou José de Mesquita e Bianco Filho. Tanto podem ser espaços reais, quanto simbólicos. O imaginário popular que renasce de cada uma das obras, contudo, não reduz umas às outras. São universos particulares com operações literárias distintas, embora com temáticas semelhantes.

Visto desta forma, os quatro romances que lemos aqui são perpassados por fortes binômios da natureza humana, tais como amor/vida em sua co-relação com a morte; equilíbrio X desequilíbrio; pureza X impureza, todos centrados na dicotomia cidade/campo e na ideia rousseauiana de que aquela, que simboliza o progresso, é motivo de desagregação do homem e, principalmente da família. Por esse viés a célula social é drasticamente abalada por um período entre guerras de 1917 a 1944, no qual os romances se situam. Um momento transitório que traz personagens que migram em movimentos de busca, tanto da própria identidade, quanto de um espaço que as represente. Num tempo de desagregação e desenraizamento o retorno a essas obras pode significar uma revisão dos sentidos que permearam (e ainda permeiam) as relações sociais.

## Percorrendo os sentidos do romanesco

Em *Luz e sombras*, de Galdino de Barros, o narrador regula a cultura à tradição do medo e da morte, valores sobre os quais o romance está construído. Daí o

clima obstinado das personagens pelos dogmas, tanto da Igreja, quanto da maçonaria, a ponto de transformar crenças em motivo de querelas e mortes que é um pouco o sentimento que perpassa o romance. Tal artifício coloca em discussão a Igreja católica e os decantados “segredos” maçônicos. Com final coroado pela morte, toda uma família se desfaz em consequência desses malfadados segredos.

Ao desfiar o fio narrativo da intriga as discussões descolam da trama, criando o processo de simbiose em que as personagens se tornam dependentes umas das outras, o que acarreta o efeito dominó da intriga. A aliança entre o espaço e o tempo narrativos, ao mesmo tempo em que dilui, unifica os sentimentos que abarcam tanto a ternura quanto o ódio mais intenso.

Uma família “que se salientava pelas suas peregrinas virtudes” (p. 47) é totalmente destruída por um “estrangeiro” português que surge como uma sombra no romance. Carrega uma missão dolorosa, mas apaixona-se por Clarinda, o contraponto romantizado da história. Na viagem de travessia de Portugal para o Brasil, faz-se acompanhar de Flávio, membro da família católica fervorosa, mas que se imbuí da missão de dar cabo de um delator dos segredos maçônicos. Este é o próprio irmão, Cristóvão, perseguido por ter revelado “a força oculta e todos os mais segredos da maçonaria” (p. 113). A crise que se desenrola após tal descoberta, será responsável pelo aniquilamento da própria estrutura familiar e da desagregação das personagens.

As ideias “sinistras” que enfeixam o romance emolduram o clima do secreto plano da “terrível seita que tem infelicitado o mundo com os seus crimes abomináveis, com os seus escândalos enormes” (p. 55). Nesse sentido, o narrador ocupa os primeiros capítulos da obra, contando sobre os crimes praticados sob “decretos irrevogáveis” (p. 112).

Entre as luzes da religião católica e as sombras de uma instituição não menos milenar, o romance suscita discussões sobre temas polêmicos sem, no entanto, desviar os olhos do leitor para pontos mais significativos da execução estética da obra que não se realiza plenamente, mas mantém, pelo mistério, o fio condutor da trama.

É sintomático o estado de alternância entre a vida e a morte. Por um lado, o amor funciona como saída para a falta de perspectiva; por outro, pertencer a uma sólida instituição em que todos se consideram irmãos por laços indestrutíveis, pode significar a manutenção da estrutura social que deve ser vista como baluarte dos valores sociais e morais.

Já o romance de 1927, *Mirko*, apesar de não haver nenhum tipo de abordagem ou preocupação institucional, Francisco Bianco Filho inova na temática. Não é mais uma instituição social que enfeixa a trama, mas a figura feminina de Leda que é o contraponto desagregador da família, pois desfaz a certeza do equilíbrio numa trama em que a alternância de espaço está bem definida, como analisa Walnice Galvão:

De um lado, o interior, o sertão, a fazenda, o vilarejo – lugares da inocência, da pureza, do amor verdadeiro, da regeneração vital, dos valores da família, da mulher submissa, de todas as virtudes. De outro lado, a cidade grande, essa messalina da modernidade, lugar das novidades, da tecnologia, dos vícios, dos

miasmas, da dissolução dos costumes, da mulher emancipada, onde os jovens se perdem, longe do controle familiar. (Galvão, 2008, p. 11)

A oposição simbólica acentua a divisão do romance em duas partes que são, ao mesmo tempo, a dubiedade de sentimentos da personagem Mirko, totalmente entregue aos devaneios românticos perante a crença em um mundo que já não existia. A desagregação psicológica é a própria degeneração do indivíduo. Na trama adquire traços ultra românticos, cuja ideia de sentido da vida está nas vias do sofrimento, como fala o narrador: “sem sofrer não há alento. A dor é imprescindível ao prazer, pois que o prazer reside na extinção da causa que nos fere” (p. 35).

A forte dose de religiosidade em *Luz e sombras* dilui-se em *Mirko*. Neste, o narrador enfatiza as fraquezas psicológicas da personagem masculina que dá título ao romance. Leda é a mulher urbana, de comportamentos fora dos padrões da moralidade permitida “cujas formas de divina escultura conhecia e fragilmente preso por um pequeno cordão, aquele traje ressaltava sobremodo a lascívia daquele admirável corpo de mulher” (p. 82).

Assim como a alternância de espaço se define na proporção em que as personagens adquirem consciência de si, a presença da morte é o sinal nivelador dos sentimentos, principalmente o amor. Enquanto Leda desagrega, Yara une, mesmo que para isso seja preciso o *grand finale* em que os corações se encontram “atravessados pela seta olímpica, servindo de pedestal a uma imponente cruz” (p. 140).

A oscilação dos sentimentos irá se intensificar, dez anos depois, em *Piedade*, de José de Mesquita, cujo enfoque é uma situação em que o amor e a morte são alegorizados. Enquanto em *Mirko* a morte é diluída pela imagem da cruz, *Piedade* é princípio e fim em si mesma. Bem ao estilo byroniano, o amor é a imolação da dor causada pela doença, mal que perpassa toda a história de Maria da Piedade que se sacrifica em prol de um bem maior. Quebrando a expectativa do leitor, a trama centra-se na personagem Paulo e não naquela que nomeia o romance. De temperamento sensível, extremamente sentimental e romântica é uma personagem inadaptada ao meio provinciano, pois é fruto de uma rígida educação e de longas leituras românticas. Um protagonismo masculino flaubertiano ou alegoria de um iminente momento de transformações que tem a ver com a perda da cuiabanidade? “Paulo, que sentira inesperada melhora, como que um estacionamento do mal que o vinha minando, via a vida da que era o seu anjo da guarda, extinguir-se, num crepúsculo rápido como esses dias de outono, merencórios e frios...”. Preceitos de fé e de submissão perante o inexorável.

Mesmo sabendo que a obra de Mesquita pode ser parte de um projeto não concluído do escritor em escrever sobre as três virtudes (Piedade, Fé, Esperança), não há como desvencilhá-la do propósito de construir a escada de Jacó, numa clara intenção simbólica da ideia de progresso moral e intelectual, como desejava<sup>5</sup>. Parceiro de D. Aquino nas causas de resgate e preservação da memória acentua, pelo caráter simbólico, a religiosidade e a luta pela preservação, não só da memória social, mas, principalmente, dos valores espirituais.

<sup>5</sup> Cf. o desenvolvimento da ideia na coletânea de sonetos (1945) com título homônimo in: Biblioteca Virtual José de Mesquita <http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Com as pinceladas de uma “demora cultural”, como em *Candido* (op. Cit.), o romance está dividido em três partes e representa um caso de amor sertanejo à moda *Inocência*, de Taunay, sem a força narrativa deste, mas com elementos semelhantes que deram notabilidade ao seu autor.

Mesquita foi um intelectual polígrafo, cabendo a ele a síntese de um sentido plural da cultura mato-grossense nas primeiras décadas do século XX. Ainda preso aos estereótipos do “isolamento” e da imensidão territorial do Estado, o conjunto de sua obra traça a fisionomia épica e elegíaca de uma cultura feita da “sucessão de fatos invulgares dentro desse diedro em que se refletem a valentia rija e máscula e o sofrimento doce e comunicativo” (Carvalho, 2004, p. 58). Passeando desde as crônicas de construção das identidades culturais, Mesquita não abandona as linhas mestras do processo de formação racial do povo (embora se referisse apenas ao cuiabano), precisando os contornos do pensamento “de gente arrojada” e dos “atributos de coragem dos povoadores do sertão” (Carvalho, 2004, p. 58). Nessa perspectiva, a aventura da ocupação do território mato-grossense se matiza de tons de bravura, coragem e resistência. São imagens adjetivadas e sucessivas épicas e elegias que demarcam a dúplice feição trazida pelo Visconde de Taunay em *A retirada da Laguna* e *Inocência*. A significação da imagem de Mato Grosso repousa, portanto, em raízes mais profundas, no século XIX.

Diferentemente dos textos anteriores, Alfredo Marien constrói *Era um poaieiro* sobre outras bases. Amor e morte aparecem num estilo mais naturalista. Há predomínio do campo, mas a alternância entre os espaços, rural e urbano, não chega a ser motivo agregador ou desagregador. Apenas existem para receber a ação das personagens sem, contudo, haver privilégio de um sobre o outro. O narrador é um homem chão, sem romantismos, pois está mais para a ideia de que o trabalho dignifica o homem, tão própria nos finais dos anos 1940. Entre as necessidades sociais de reconstrução das catástrofes trazidas pela guerra e a convulsão do mundo, Brasilino é a figura que faz juz ao nome bem brasileiro. Representa o passado pelo viés da memória, estabelecendo o vínculo entre a história e a desconhecida cultura do interior, pelas vias das fontes orais. É o sertanejo que representa uma figura lendária – o poaieiro – catador da poaia, raiz de onde se extraía a emetina. Nas primeiras décadas do século XX constituiu a grande riqueza do interior brasileiro e era exportada para a Europa para a fabricação de vermífugo. A mata é, portanto, personagem, em torno da qual se tece o enredo.

No capítulo intitulado *Panorama* o narrador descreve o ambiente de Brasilino, fruto dos registros do próprio autor, professor francês naturalizado brasileiro. Morou alguns anos na região da poaia, região da cidade de Cáceres, hoje Barra do Bugres, Mato Grosso. O espaço geográfico, então, se confunde com o espaço da memória, exercendo função norteadora da história.

Brasilino lembrou-se do atalho do Mutum, onde passara uma vez, com o pai, da última vez que fora “poaiar”. A subida era brava, mas poupava uma volta de três léguas. [...]. Diante dele, no rumo do poente, estendia-se o vale do rio Paraguai. Muito longe, a Serra dos Pareci fechava o horizonte, de Diamantino a Rapirapoã. À direita, erguia-se o Morro das Sete Lagoas, onde nasce o rio Paraguai num grande buritizal, cheios de lagoas encantadas. O velho lhe contara de uma anta que preferira morrer acuada à beira da água a salvar-se

caindo numa daquelas lagoas misteriosas, cujo fundo ninguém conseguira sondar. Mais à esquerda avistava-se o vale do Pari, além do qual se erguia o Tira Sentido, onde morrera seu avô, flechado pelos índios Barbados [...]. Voltou-se para o Nascente. Deste lado, era o vale do rio Cuiabá, cujas águas apareciam, muito ao longe, espelhando o sol. [...] Balisando-se pelo Morro da Canastra, localizou e descobriu a cordilheira do Assaí. Quanto tempo ficariam agora separados? Além do Assaí, reconheceu logo a cordilheira do Tangará, o correguinho de águas claras que dava nome ao velho sítio de seus pais, onde ele nascera, onde estavam sua mãe e seus irmãos, todos certamente tão saudosos quanto ele. (Marien, 2008, pp. 40-41)

A descrição representa a intimidade do narrador com o local que não é apenas cenário, mas perfaz a *cena* em que as personagens atuam. Desta forma, imprime-se uma visão menos artificial do regionalismo, rumo a uma “intenção programática, a resolução patriótica de fazê-lo, como fala Antonio Candido. Não mais a obra isolada nas situações narrativas, mas as *circunstâncias* de sua realização. Não mais a “falha da visão” do condicionamento social, mas o cuidado com o “vínculo entre a obra e o ambiente” (Candido, 1997, p. 99). Sem a dissociação das visões, texto e contexto se fundem para compor o ponto de vista do processo interpretativo.

Assim, compreender as condições sociais torna-se necessário para redescobrir significados que constroem outros olhares e compõem singularidades. É possível, com este texto, reorientar o foco da análise para o sentido de representação de um ideal estético. Ou seja, verificar sintomas de tendências que representam uma singularidade ainda não totalmente explorada na época – o interior brasileiro.

Nessa associação de elementos, a ocupação de um espaço interior no continente sul-americano transformou-se num projeto colonizador, ampliado, nos séculos seguintes, para um projeto híbrido cultural. No espaço das infinitas possibilidades de sentidos, mesmo muito diversas e distantes, permitem estimular posturas em relação à história e à realidade natural e social. Desta forma, o local é parte de um complexo cultural. Pensando com Ángel Rama (2001), é possível compreender o texto de Marien como representação de uma “região cultural” marcada pelo diverso. Não é um caso de regionalismo típico como sentimento exacerbado de “coisa nossa”, de que fala Mário César Leite (2005), mas as singularidades locais que se somam a outras para compor o nacional.

Por se tratar de uma obra publicada primeiramente em folhetim, o enredo está bem ao gosto do público leitor. É recheado pela trama fácil, pequenas intrigas, triângulo amoroso e final feliz. Para Otoniel Mota (1944), prefaciador da primeira edição, é oportunamente poético, de um romantismo campestre: a vida do homem sertanejo/poaieiro dentro e fora da mata, onde as dificuldades e adversidades são revitalizadas na ficcionalização do enredo, cujas personagens exercem a função de representar uma época. No caso específico, o período do extrativismo da poaia.

Com exceção desta obra, Marien escreve apenas o texto *Um tição tirado do fogo*, de cunho religioso. Conforme Nadaf (2002), não há registro da data de publicação, fato que dificulta abrangência maior da análise. No entanto, fazendo parte da coleção Obras raras, reeditada em 2008 e em vias de nova edição, julgamos

salutar o procedimento da análise, como mecanismo do processo de compreensão do que podemos pensar como sistema literário de/em Mato Grosso.

No ensaio de Néstor Canclini o estudioso argentino modifica a forma de tratar a identidade e a cultura, relativizando os conceitos. Lançando mão de uma abordagem interdisciplinar e intercultural, Canclini tenta compreender o diálogo entre as culturas erudita, popular e de massa, como já havia pensado em *Socialização da arte*, de 1984, estabelecendo o esforço de afirmar o fenômeno da “hibridação” cultural nos países latino-americanos. Dessa forma, a cultura é pensada na complexidade das relações da forma como se configuram na modernidade, o que para ele “não terminou de chegar”. Sem deixar de lado os termos, pretende repensar a noção de identidade sob novos pares como sincretismo e criouliização, permitindo-se elaborar as “tensões das diferenças” (Canclini, 2003).

Em alguns aspectos seu pensamento se coaduna com o de Boaventura Santos, no sentido de que é possível uma postura de “auto-conhecimento” e não só de conhecimento, reacendendo as reflexões e “ultrapassando as fronteiras, o nacionalismo, a língua, a ideologia, as novas identidades regionais e locais” (Santos, 2003, p. 22). Por isso, o discurso regionalista acompanha o de identidade(s), não menos polissêmico e fluido, pois no momento de transição paradigmática, é preciso identificar as virtualidades e as dificuldades da sociedade e dos sujeitos, atingindo os modos de conhecer que devem estar ligados à transformação dos modos de organizar a sociedade.

Com tais reflexões, a análise dos diversos processos culturais, redefinem formas de conflito geradas na interculturalidade recente em meio à decadência de projetos nacionais de modernização da América Latina, cujas operações epistemológicas encontram-se enriquecidas com as de Homi Bhabha, vistas como recursos para reconhecer o diferente e elaborar as tensões. Nesse aspecto, as fronteiras tornam-se “porosas”. Ou seja, a modernidade descontextualizou a identidade, propondo revisões de paradigmas sobre os discursos e as práticas sociais. Usando Fanon para interrogar a identidade, Homi Bhabha desloca a relação colonial para colocar o sujeito no momento de transição “em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (Bhabha, 1998, p. 19). São recontextualizações que mudam o olhar na direção de reelaborar idéias cristalizadas, como as que se dão quando se pensa em regionalismos e identidades.

Nesse panorama em que se buscam as relações da produção brasileira no contexto da América Latina, pode-se reverificar a produção brasileira de/em Mato Grosso inserida sutilmente no projeto de formação do conceito de uma literatura de formação a partir da produção literária publicada em folhetins, desde a primeira metade do século XX. Sendo uma fonte para a pesquisa sobre a formação da romanesca brasileira, a coleção de textos reeditados constitui rico referencial de leitura e pesquisa. Pouco se conhece sobre a enorme influência que os escritores de Mato Grosso receberam, tampouco se questionam os procedimentos retóricos com nítidas marcas do realismo fantástico ou dos movimentos de vanguarda. Bem delineados e revisitados é possível perceber como a historiografia literária deixa de contemplar as vertentes que brotam de outros eixos. Embora timidamente, a “periferia move-se”, como fala Alfredo Bosi (2010)

na/pela ação das personagens que se articulam no universo plural de sentimentos “estrangeiros” na obra literária.

## Referências bibliográficas

- Almeida, M. I. P. (2003). *A nação em 'A Violeta': um projeto de leitura* (Dissertação de Mestrado). IEL/UNICAMP. Campinas-SP.
- Almeida, M. (2012). *Revistas e jornais: um estudo sobre o Modernismo em Mato Grosso*. Cuiabá: Carlini e Caniato Editorial.
- Barros, F. G. (2008). *Luz e sombras* [1917]. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras/UNEMAT.
- Benjamin, W. (1985). *Magia e técnica, arte e política*. SP: Brasiliense.
- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila e outras. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Bosi, A. (2010). O mesmo e o diferente. In *Ideologia e contraideologia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Canclini, N. G. (2003). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloiza Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp.
- Candido, A. (2006). Literatura e subdesenvolvimento. In *A educação pela noite* (pp. 169-196). Rio de Janeiro: Ouro sobre azul.
- Candido, A. (1997). *Formação da Literatura Brasileira* (Vols. 1 e 2, 8.ª ed.). Belo Horizonte/RJ: Itatiaia.
- Carvalho, C. G. (2004). *No distante oeste: a primeira crítica teatral no Brasil*. Cuiabá: Verdepantanal.
- Carvalho, C. G. (2004a). *Panorama da Literatura e da cultura em Mato Grosso* (2 Vols.). Cuiabá: Verdepantanal.
- Galvão, W. (2008). O resgate de Mirko. In F. Bianco Filho, *Mirko*. Cuiabá-MT: Academia Mato-Grossense de Letras.
- Leite, M. C. S. (2005). Literatura, Regionalismo, Identidades: cartografia mato-grossense. In *Mapas da Mina: estudos de Literatura em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral Publicações.
- Marien, A. (2008 [1944]). *Era um poaieiro*. Coleção obras raras. Cuiabá: AML.
- Mesquita, J. (1945). *A escada de Jacó* (sonetos). Cuiabá: Escola Industrial Salesiana. Biblioteca Virtual José de Mesquita <http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>
- Mesquita, J. (2008 [1937]). *Piedade*. Coleção obras raras. Cuiabá-MT: AML.
- Mota, O. (2008). Era um poaieiro: um romance de Mato Grosso. In *Era um poaieiro*. Cuiabá-MT: Academia Mato-Grossense de Letras.
- Moura, C. F. (1976). *As Artes plásticas em Mato Grosso nos séculos XVIII e XIX*. Cuiabá-MT: Edição da Fundação Cultural de Mato Grosso e Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso.
- Moura, C. F. (1976b). *O Teatro em Mato Grosso no século XVIII*. Cuiabá-MT: UFMT.
- Nadaf, Y. J. (2002). *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Paes, J. P. (1999). *O lugar do outro: ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Paz, O. (2003). *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva.
- Póvoas, L. C. (1982). *História da cultura mato-grossense*. Cuiabá-MT: Resenha Tributária.
- Rama, A. (2001). Regiões, Culturas e Literaturas. In F. Aguiar, & S. Vasconcelos, (Orgs.), *Angel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Edusp.
- Rodrigues, A. (2010). *O teatro mato-grossense: história, crítica e textos*. Cáceres-MT: Abrali Edições/Ed. UNEMAT.
- Rosenfeld, A. (1969). Reflexões sobre o romance. In *Texto/Contexto I*. São Paulo: Perspectiva.
- Santiago, S. (1982). *Vale quanto pesa (a ficção brasileira modernista)* (pp. 25-40). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Santiago, S. (2000). O entre-lugar do discurso latino-americano. In *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Santos, B. S. (2003). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade* (9ª ed.). São Paulo: Cortez.

## Resumo

O caráter da literatura brasileira produzida em Mato Grosso/Brasil passa pelo sentido (e nor-teamento) de um projeto delineado pelo trabalho dos intelectuais que exerceram, nas primeiras décadas do século XX, papel preponderante nos caminhos da construção de uma identidade regional. As obras que condensam a historiografia literária acentuam o isolamento dos espaços que mantinham comunicação com o centro hegemônico de produção através de precários meios fluviais ou terrestres com os quais, paradoxalmente, se ligavam ao mundo. Após a primeira metade do século XX delineia-se uma nova cartografia regional demarcada pelo trânsito entre as culturas oriundas dos movimentos migratórios, cujos antagonismos produziram, de maneira nem sempre harmoniosa, outras formas de criação artística e padrões sociais. Nessa perspectiva, vemos os primeiros romances escritos em Mato Grosso construídos em meio a essa “intensidade” histórica (Benjamin, 1985) entre a tradição a ser preservada e a modernidade a ser assimilada (ou rejeitada). Embora timidamente, a “periferia move-se” (Bosi, 2010) na/pela ação das personagens que se articulam no universo plural de sentimentos “estrangeiros” na obra literária. Essa duplicidade cultural produz visões de mundo e formas de representação diversas, o que não deixa de ser um ganho à cultura local, pois como fala Octávio Paz (1999), o romance é o lugar por excelência da representação literária da “outridade”. Nesse sentido, buscando compreender o universo romanesco que fornece sentidos diversos para se pensar a formação do romance em Mato Grosso, estas reflexões trazem aspectos relacionais entre as obras *Luz e sombras*, de Feliciano Galdino de Barros (1917), *Mirko*, de Francisco Bianco Filho (1927), *Piedade*, de José de Mesquita (1928) e *Era um poaieiro*, de Alfredo Marien (1944) que reconhecem, como explica Rosenfeld (1969), o que é corriqueiro na ciência e na filosofia.

## Abstract

The character of Brazilian literature produced in Mato Grosso/Brazil goes through the sense (and direction) of a project outlined by the work of the intellectuals who exercised, in the first decades of the twentieth century, a preponderant role in the construction of a regional identity. The Works that condense the literary historiography accentuate the isolation of the spaces that maintained communication with the hegemonic center of production through precarious fluvial or terrestrial means with which, paradoxically, they were connected to the world. After the first half of the twentieth century, a new regional cartography was delineated by the transit between cultures originating from migratory movements, whose antagonisms produced, not always harmoniously, other forms of artistic creation and social patterns. In this perspective, we see the first novels written in Mato Grosso constructed in the middle of this historical “intensity” (Benjamin, 1985) between the tradition to be preserved and the modernity to be assimilated (or rejected). Although timidly, the “periphery moves” (Bosi, 2010) in the action of the characters that are articulated in the plural universe of “foreign” feelings in the literary work. This cultural duplicity produce worldviews and diverse forms of representation, which is a gain to the local culture, because as Octávio Paz (1999) refers, the novel is the place par excellence of the literary representation of “otherness”. In this sense, seeking to understand the romanesque universe that provides diverse meanings to think about the formation of the novel in Mato Grosso, these reflexions bring relational aspects between the works *Luz e sombras*, by Feliciano Galdino de Barros (1917), *Mirko*, by Francisco Bianco Filho (1927), *Piedade*, by José de Mesquita (1928) and *Era um poaieiro* by Alfredo Marien (1944), recognizing, as Rosenfeld explains (1969), what is commonplace in science and philosophy.